



Vol. 15, nº 2, (2018)

RESENHA CRÍTICA

Bibliografia:

SOFIATO, Cássia Geciauskas. “Um olhar para a formação em Artes visuais no Brasil do século XIX: raízes históricas”. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**. Vol. 11, n. 23 (2013), p. p. 186 – 208.

AS ARTES VISUAIS NO BRASIL –EVOLUÇÃO HISTÓRICA E CULTURAL

Agnaldo Rodrigues da Silva¹

Fábio Falcão de Oliveira²

Recebimento do texto: 08/09/2018

Data de aceite: 28/10/2018

Esta resenha tem como objetivo identificar e discutir os pontos principais do artigo “Um olhar para a formação em Artes visuais no Brasil do século XIX: raízes históricas”, de Cássia Geciauskas Sofiato, publicado no volume 11 da *Revista Educação e Cultura Contemporânea*. A discussão deverá estar articulada às ideias pontuadas sobre os slides disponibilizados, produzidos sobre o artigo “Barroco”, de Maria José Vicentini Jorente, assim como fazer referências ao vídeo *Aleijadinho - biografia e principais obras*. Nessa direção, esta resenha fará um movimento de idas e vindas entre os referenciais supracitados e, em alguns momentos, poderá recorrer a outro (s) teórico(s) ou crítico (s) para fundamentar o aparato que se pretende debater.

¹ Grupo de Pesquisa em Estudos da Cultura e da Literatura Comparada, da Universidade do Estado de Mato Grosso.

² Pós-doutorando no Programa de Pós-graduação em Estudos Literários/ PPGEL/UNEMAT.



Sofiato é docente da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), no Departamento de Filosofia e Ciências da Educação (EDF) e do Programa de Pós-graduação em Educação. É doutora e Mestre em Artes pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e graduada em Pedagogia: Formação de professores para a área de Educação Especial pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Autora de inúmeros textos, este que se apresenta faz um estudo sobre a formação em artes visuais no século XIX no Brasil, considerando-se a forte influência europeia como referencial aos intelectuais e artistas desse período histórico. Para fundamentar o estudo, a autora toma como principais referenciais teóricos e críticos os autores: Pereira (2008), Barbosa (1978), Schwarcz (2002), Campofiorito (1983), Lima (2007).

O ponto central do texto de Sofiato é identificar, por meio de um percurso histórico, um contexto da formação em artes visuais e sua trajetória no século XIX, apontando os referenciais europeus que foram determinantes para a criação das escolas de artes no Brasil, fundamentalmente sobre a contribuição portuguesa e francesa; a autora demonstra, por meio de suas investigações, o impacto dessas contribuições na constituição de uma arte essencialmente nacional, que pudesse refletir a cultura brasileira, já afetada pelos resultados da colonização e, conseqüentemente, miscigenação. Nessa tarefa, Sofiato dá ênfase às artes visuais, justificando ao leitor o enfoque justamente porque a “Arte enquanto conceito envolve também a abordagem de outras linguagens, que não são o foco desse estudo. A abordagem será apresentada, contudo, sem a pretensão de esgotar o assunto” (SOFIATO, p. 187).

Duas referências teóricas são fundamentais para compreender o propósito do texto de Sofiato. Uma delas é Barbosa (1978) que faz o



diagnóstico de que a tradição artística no Brasil do século XVIII era marcadamente barroco-rococó, que mesmo diante da atuação dos artistas e aprendizes, não havia um ensino sistematizado em currículos escolares; a segunda é Schwarcz (2002) que afirma que, naquele período, o aprendizado dos artistas estava alicerçado na relação mestre-aprendiz, de modo que os artífices iniciantes, que pretendiam obter uma formação clássica, dedicavam-se à pintura, ao desenho, à escultura e à arquitetura. Naquele contexto secular, encontrava-se Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, nascido em Vila Rica (Minas Gerais/ Brasil), provavelmente em 1730 (a sua biografia esclarece que nunca foi encontrado o seu registro de nascimento).

Considerando os *Slides* produzidos com base no artigo “Barroco”, de Maria José Vicentini Jorente, bem como o *vídeo Aleijadinho - biografia e principais obras*, podemos perceber que Aleijadinho fez parte desse contexto, uma vez que era filho de uma escrava com um mestre de obras português, cujo início de sua obra deu-se pela observação do trabalho de seu pai, que também era entalhador. Mesmo sofrendo os efeitos de uma doença degenerativa, que lhe fez perder os movimentos dos pés e das mãos, produziu um conjunto de obras marcado pelo equilíbrio, harmonia e serenidade. Misturando diversos estilos do barroco, o artista alternou entre as características do rococó e dos estilos clássico e gótico, em pedra-sabão ou madeira, privilegiando a matéria-prima essencialmente brasileira.

Para Jorente (s/d.), o Barroco configura um período histórico-cultural que propõe um novo modo de entender o mundo, o homem e Deus. Impõe um estilo peculiar, entre o final do século XVI e meados do século XVIII, inicialmente na Itália, para depois atingir toda Europa e grande parte do mundo. No Brasil, essa tendência iniciou-se no Século XVIII e alastrou-se um pouco mais, atingindo ao século XIX, talvez pela posição geográfica da



América Latina que dificultava a chegada imediata dos novos estilos literários e artísticas, afinal, estamos a falar do outro lado do Atlântico.

Toda essa profusão artística certamente influenciou a consolidação da arte brasileira do século XIX. Nesse sentido, Sofiato, no texto em resenha, recorre a Campofioroto (1983) para mencionar a contratação de uma equipe de artistas e artífices de Paris (França), que vieram ao Brasil para criar condições rigorosas ao ensino de artes e ofícios no Rio de Janeiro, a fim de que os artistas brasileiros pudessem corresponder às exigências do desenvolvimento cultural e industrial exigido àquele momento histórico, pois, em uma sociedade em que a maioria eram colonos iletrados, “nada melhor que ter uma iconografia para produzir uma representação social”, argumenta Sofiato (2013, p. 191).

Se formos estudar o contexto histórico dos Séculos XVIII e XIX, vamos identificar o esforço que a corte portuguesa fez para refinar o gosto dos colonizados, pois, como afirma Silva (2010), havia um intento de transformar algumas cidades em centros culturais que pudessem representar o que era a Lisboa e a Paris; por isso, o investimento na formação para às artes. Havia a compreensão de que a arte refinava o espírito daqueles colonos. A intenção de D. João VI, portanto, era trazer um grupo de artistas, com o propósito de instalar na nova capital do reino uma instituição de ensino de Artes digna do rei e de sua imagem dentro da Europa, conforme afirma Sofiato ao citar Alambert (p. 191).

Fortemente concentrada na pintura, arquitetura e escultura, as características do Barroco redimensionou a arte brasileira que só entrou em declínio a partir dos últimos anos do século XIX e primeiras décadas do XX, quando as Vanguardas Europeias e os movimentos modernistas (com os seus *-ismos*) propuseram, de forma agressiva, a destruição das heranças clássicas



e neoclássicas ainda insistentes nas diversas culturas; o Brasil, como sabemos, aderiu a tais movimentos e tendências. No entanto, como afirma Sofiato (2013), “a arte desenvolvida no Brasil, desde o período colonial, contou com o apoio de artistas estrangeiros que chegaram ao país trazendo em sua bagagem o estilo barroco” (p. 205).

Podemos considerar que Sofiato atribui mérito exagerado ao destacar que o século XIX foi fundamental para o estabelecimento de uma cultura nacional, a partir da vinda da Família Real para o país. Sem dúvida, essa vinda contribuiu imenso com a construção da cultura brasileira; porém, não se pode diagnosticar a formação da cultura brasileira exclusivamente perspectiva eurocêntrica, que sempre considerou que a civilização estava construída sobre os valores do Velho Continente (Europa), desconsiderando as línguas e as culturas dos povos nativos, aqueles que sofreram a invasão das conquistas marítimas dos séculos XVI e XVII, tanto na América quanto na África e Ásia.

Diante do destaque acima, podemos lançar diversos questionamentos à Sofiato, tais como: Será que não tínhamos uma cultura brasileira, com tantos povos indígenas que habitavam o país naqueles períodos históricos? Será que não tínhamos uma cultura brasileira com a miscigenação ocorrida entre os brancos europeus, os negros africanos e os povos indígenas (que eram a centenas)? Desse modo, consideramos que o texto de Sofiato conduz o leitor a uma historiografia estritamente voltada à relação entre os valores culturais europeus e o sufocamento da cultura local, uma vez que não considera a arte nacional já em ebulição, particularmente a indígena e afro-brasileira.

Para concluir, pode-se destacar que o texto de Sofiato é interessante pelo aspecto historiográfico que articula, com informações preciosas a respeito do início sistematizado do ensino da arte no Brasil do Século XIX, fazendo retomadas cruciais de aspectos do Século XVIII. Os *slides*



Vol. 15, nº 2, (2018)

produzidos sobre o artigo de Jorente enriqueceram a discussão sobre a arte barroca, no contexto desses Séculos, somado ao vídeo disponibilizado sobre Aleijadinho. Com certeza, a articulação entre esses três materiais propiciaram grandes aprendizados e reforçaram a certeza de que para se compreender a cultura contemporânea, faz-se mister uma retomada historiográfica do passado, recuperando valores e reavaliando os impactos das novas tendências artísticas, tanto em nosso país quanto no mundo.

Referências

SOFIATO, Cássia Geciauskas. “Um olhar para a formação em Artes visuais no Brasil do século XIX: raízes históricas”. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**. Vol. 11, n. 23 (2013), p. p. 186 – 208.

JORENTE, Maria José Vicentini. **Barroco**. *Slides* disponíveis em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/MariaJoseVicentiniJorente/barroco.pdf>. Acesso em 20/09/2018, às 09 horas.

SILVA, Agnaldo Rodrigues. **Teatro Mato-Grossense – História, Crítica e Textos**. Curitiba: Academia Brasileira de Literatura, 2010.

ALEIJADINHO - biografia e principais obras. Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VbbITDUEwbQ&feature=youtu.be>. Acesso em 21/09/2018, às 20 horas.

Este texto é de responsabilidade de seus autores.